



Uma carta, um olhar

A Letter, a Gaze

Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
veracasanova1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3383-5306>

Querida,

Mesmo em outro plano, não mais o físico – o da carne –, venho por meio desta agradecer o quanto você foi importante para todos nós, da FALE e da Universidade Federal de Minas Gerais.

As leituras e o tempo marcaram nossa amizade. Tempo do estruturalismo, das filosofias (ou teorias?) de Derrida, Barthes, Genette, Lévi-Strauss e tantos outros. Bons tempos intelectuais aqueles! Mesmo com a ditadura instaurada no país, nesse Brasil de Macunaíma!

No Bom dia! do encontro, sempre havia um riso de ironia em sua boca pintada de vermelho.

Nesta carta, não vou falar das obras, tão importantes para a Teoria da Literatura, Estudos Culturais e Literatura Comparada. Outros o farão, em ensaios vários. Prefiro a ficção subjetiva.

Da *Pedra Mágica do discurso*, viva Mário de Andrade! até seu livro-despedida *Narrativas impuras* resta uma letra, um instrumento, uma impressão.

Sua crítica é texto, onde se encontra durante a leitura um acolhimento do gozo. Sua crítica percorre um caminho dentro de um mapa, uma cartografia, o da pesquisa. Lembro daquele que você leu, mas seguiu de longe – Lacan – em seus seminários quando destaca os efeitos feminizantes da letra que sendo *lettre* é também carta – esta, na qual me

dirijo a você –, de *femina à femina* – carta –, “signo de mulher”, onde as sombras estão presentes em sua ausência.

Gosto desses seus gestos de deslocamentos, nas suas tentativas de descentramento e entre a razão e a emoção de suas leituras com Machado e Rosa.

E essa paixão por Silviano Santiago? Acho que vem dessa posição insurgente, rebelde mesmo em tom irônico com relação ao que você chamava “contra o esquematismo e as classificações genéricas praticadas pela crítica.”

Ler, escrever, viajar em todos os sentidos possíveis, e o peso da eternidade agora leve. Clarice Lispector¹ dizia em uma de suas crônicas “É fácil e possível explicar-se o fato de que 99% dos seres humanos passam sempre uma fase de sua vida sem saber dizer o significado de sua existência.”, mas você sempre soube. Seu lugar, ou seu não-lugar, não era somente descobrir que os caminhos levam à velhice, à morte, mas também a uma vida sem-fim de leituras e escrituras.

Borges, Nava, Rubião e tantos, para além de Mário. Todos os livros de sua biblioteca constituíam seus maiores amigos.

Sem se preocupar com a crise, ou melhor, com os discursos da crise, você continuava redefinindo as destinações da cultura. Arquivos para sustentar e potencializar a cultura, especialmente, a literatura.

Que trabalheira, hein!?

E assim você ia dando sentido ao tempo presente sem se esquecer do tempo passado. Poesia ou Prosa? Pouco importava o anacronismo tão comentado. Interessava e sempre interessou a você (e eu leio isso no seu texto crítico) as marcas do desejo, as relações com o outro.

Pois é, amiga... você não me conheceu como poeta, mas em meu livro *Versos oblíquos ou A obliquidade do tempo*² eu escrevi:

Todas as mulheres do mundo
existem num Tsunami,
e persistem no meio das intensidades.

Essa mulher também foi você. Somos nós vivendo intensidades e potências sem fim.

¹ LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2018.

² NOVA, Vera Casa. *Versos oblíquos ou a obliquidade do tempo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

E o desconcerto do mundo nos remete a autores do trágico ao cômico.
Que mistério é esse que nos envolve pela letra?

O lance dos dados aconteceu nos dados, a vida e a morte. E de efeito em efeito, sua crítica valeu. E a comunidade crítica agradece penhoradamente.

Você, Eneida, foi uma mulher de seu tempo, respondendo a ele como sua contemporaneidade.

Por tudo isso e muito mais, despeço-me com um até breve.

Vera Casa Nova